

## **1 - IDENTIFICAÇÃO**

NOME: GEOVANA DA PAZ MONTEIRO

E-MAIL: geovana@ufpb.edu.br

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silene Torres Marques

**2. TÍTULO DO PROJETO:** Moral e Religião: diálogos possíveis entre Bergson e Freud

## **3. RESUMO EXPANDIDO**

O projeto de Pós doutorado que ora desenvolvemos no Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silene Torres Marques, aborda a relação entre moral e religião a partir da obra *As duas fontes da moral e da religião* (1932), de Henri Bergson (1859-1941), buscando destacar aproximações entre seu pensamento e as ideias de Sigmund Freud (1853-1939) apresentadas em alguns de seus textos sobre cultura, tais como *O futuro de uma ilusão* (1926), *O mal estar na civilização* (1930) e *Totem e tabu* (1913), entre outros textos menores acerca do tema. Ambos os autores são conduzidos pela suspeita de que, no decorrer do processo evolutivo, a socialização humana se deu paralelamente à manutenção de padrões, reforçados pelo hábito de obedecer, os quais, para Bergson, contribuíram como entrave à instauração de uma moralidade mais aberta. Destacamos o papel da função fabuladora na obra bergsoniana, responsável pela crença em ficções forjadas com intuito coercitivo, providencialmente úteis para a manutenção de dogmas religiosos e da ordem social. Tais ficções serviriam de base à instituição da religião estática, diretamente proporcional à moral fechada. De maneira semelhante, Freud apontou o caráter primitivo dos tabus, convenientemente mantidos na contemporaneidade, base para a formulação de ideias religiosas que, a seu ver, não passariam de ilusões, criações da cultura com fins bastante definidos. Nesta medida, observamos a possibilidade de uma fecunda aproximação entre as ideias de Bergson e Freud, os quais, embora por caminhos distintos, percorrem os fundamentos do mesmo problema. A crítica de Bergson às formas instituídas de religião, o que denominou de “religião estática” em sua obra de 1932, caminha lado a lado com a visão freudiana

apresentada na obra de 1926, *O futuro de uma ilusão*, quando o austríaco afirma, por exemplo, que as idéias religiosas, “estas, que se proclamam ensinamentos, não são precipitados da experiência [...]: são ilusões, realizações dos mais antigos, mais fortes e prementes desejos da humanidade; o segredo de sua força é a força desses desejos” (p. 266). Assim como para Bergson, a religião instituída, na visão freudiana, não deixa de constituir um arcabouço de ideias há muito forjadas de maneira fabulosa em vista de interesses outros que não a própria elevação da alma. Por outro lado, embora para Bergson as religiões instituídas, na prática, se configurem como obstáculos à possibilidade de uma moral mais aberta e, por fim, à possibilidade de se atingir uma experiência genuinamente mística em detrimento de uma religiosidade superficialmente construída com vistas à “salvação”, o filósofo não negará, como fará Freud, a intuição mística. Mas, não obstante o destaque dado por Bergson à mística no livro de 1932, aqui nesta pesquisa não buscaremos dissecar tal experiência tal como propusera o filósofo n’*As duas fontes*. Nosso interesse é, antes de mais nada, abordar a moral fechada como fundamento de uma religião estática, amparada, sobretudo, em uma faculdade específica, a saber, a função fabuladora, capaz de engendrar de maneira assaz contundente toda sorte de fabulações, mitos e tabus providencialmente úteis para a coesão social e manutenção da ordem.